



DIRECTOR
AUGUSTO

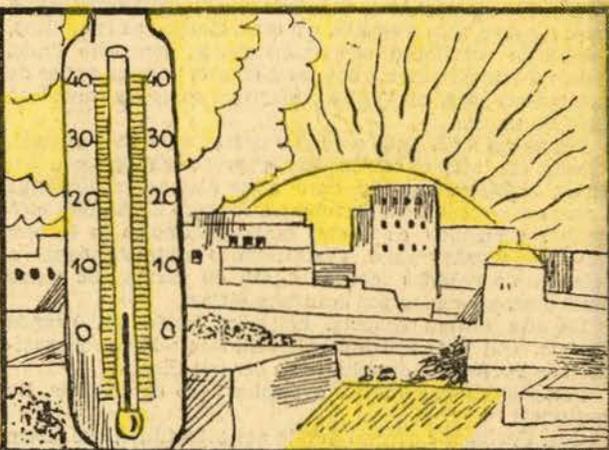
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

MOTIVO FORTE

POR
FELIZ VENTURA



NUMA tarde de Fev'reiro,
Para cá do Lumiar,
D. Anica e seu marido
Vão uns primos visitar.

A-pesar-de fazer sol,
Era um frio de rachar,
E os nossos belos consortes
Iam quasi a tiritar.



Mas, mesmo assim, D. Anica
Parece em Agosto estar,
Pois o casaco de abafo
Vai aberto e ao vento a dar.

Então, o marido diz
E com bastante razão:
— «Fecha o casaco que podes
Apanhar constipação.»

Mas a esposa, abespinhada,
Alega com ar zangado:
— «Assim quem é que sabia
Que êle é de sêda forrado?»

GRANDES de PORTUGAL

◆ ◆ Por MANUEL FERREIRA ◆ ◆

Há dias, o Paulo, pequeno de dez anos, veio a minha casa, radiante:

— «Sabe, vizinha? Começa, hoje, no «Pim-Pam-Pum», o Concurso dos Grandes de Portugal. Eu queria concorrer, tanto mais que as condições são fáceis. Mas não percebo o que significa essa palavra: «Grandes». Grandes, porquê?»

Escusado será dizer-lhes que fiquei contentíssimo com a visita do Paulo. E, como aprecio muito a nossa História, comeci por lhe dizer:

— «Não sei se sabes, Paulo, que esta linda terra de Portugal é uma grande Pátria, devido aos esforços de muitos dos seus filhos.

Começou por ser um condado pequenino, dado como prenda de casamento a um bravo príncipe borgonhês. A pouco e pouco, com a espada e a cruz, alargou as fronteiras, através de sacrifícios sobrehumanos. E, num dia lindo, quando Portugal olhou, com mais enlevo, para as águas do mar, viu que elas, em vez de proferirem ameaças, cantavam hinos de glória.

Fez-se ao mar. Todo o mundo passou a ser de Portugal. Colocou, em todos os continentes, padrões de soberania. Viu gentes exóticas, rios de ouro e de diamantes, florestas imensas a rescenderem perfumes. Selvagens depunham suas flechas, acolhendo os nossos mareantes como se fossem deuses. Assombraram-o variadíssimos animais desde o elefante, de pesadas formas, à ave do paraíso, de penas multicores, animadas por um sopro divino.

Da sua antiga epopeia, resta-lhe ainda um grande Império. Um país imenso, o Brasil, fala a língua maravilhosa de Portugal e orgulha-se de ser seu filho.»

Paulo escutava, atento, a minha lição de História. Eu continuei:

Ora, Portugal é grande devido aos seus filhos, que foram grandes também.



Antes mesmo de Portugal ser um condado, apareceu-nos Viriato, pastor da Serra da Estrêla, desbaratando as gentes inimigas que profanavam este solo bendito. Foi uma águia que escolheu, para seu ninho, as serranias.

Tempos depois, vem, de longe, D. Henrique, cavaleiro dos mais bravos, que se bate em terras da Península. Como nos contos de fadas, um rei dá-lhe a filha, em casamento, com uma extensão de terras, donde saiu Portugal.

Agora, um filho desse conde D. Henrique, deseja alargar esses domínios. E, não podendo viver em casa tão pequena, começa a alargá-la, à custa dos inimigos de Deus.

Chamava-se Afonso Henriques esse homem, grande de estatura que foi grande de espírito. Cercou-se de cavaleiros denodados, como Egas Moniz, Geraldo sem Pavor, Gonçalo Hermingues, Mendes da Maia, Mestre Gualdim e Martin Moniz que morreu, entre as portas do Castelo de Lisboa, para abrir caminho à sua gente.

Fernando de Bulhões, doutor milagreiro — o nosso Santo António — leva para a Itália a fama da nossa terra. Aos depois, Roma elege um papa português, João XXI, médico notabilíssimo.

Começa, agora, Portugal a desenvolver-se. D. Diniz canta e trabalha. Da sua lira extrai lindas canções. Do seu arado brotam loiras searas. A seu lado, D. Isabel transforma o dinheiro em rosas, em virtude de um milagre.

E por aí fóra... Nuno Álvares escreve, com sua espada invencível, páginas lindas da nossa História militar.

Surge a tentação do Oceano. O infante D. Henrique vai para Sagres, a-fim de lançar os alicerces de um Império.

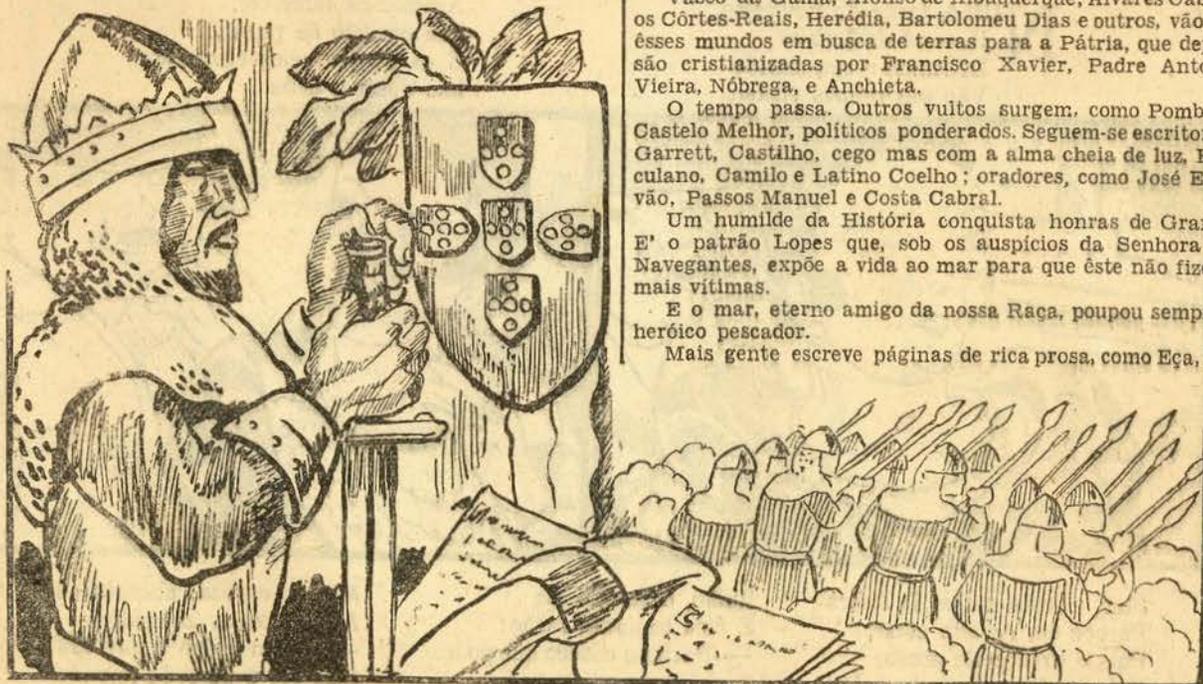
Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Alvares Cabral, os Côrtes-Reais, Herédia, Bartolomeu Dias e outros, vão por esses mundos em busca de terras para a Pátria, que depois são cristianizadas por Francisco Xavier, Padre António Vieira, Nóbrega, e Anchieta.

O tempo passa. Outros vultos surgem, como Pombal e Castelo Melhor, políticos ponderados. Seguem-se escritores: Garrett, Castilho, cego mas com a alma cheia de luz, Herculano, Camilo e Latino Coelho; oradores, como José Estevão, Passos Manuel e Costa Cabral.

Um humilde da História conquista honras de Grande. E' o patrão Lopes que, sob os auspícios da Senhora dos Navegantes, expõe a vida ao mar para que este não fizesse mais vítimas.

E o mar, eterno amigo da nossa Raça, poupou sempre o heróico pescador.

Mais gente escreve páginas de rica prosa, como Eça, Ra-



CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



12

O mar era traiçoeiro,
Tinha perigos fatais.
Quem fôsse para o mar alto
Não voltava nunca mais.

Havia feros gigantes,
Feitiços para encontrar;
Tudo era negrume e morte
Nas torvas águas do mar.

Mas um homem extraordinário,
Sem ter medo, disse assim:
— «Tem perigos? Mas que importa?»
Será nosso o mar sem fim!

Quanto maior é o p'riço
Mais apetece lutar!
São assim os portugueses
Na terra, sê-lo-ão no mar!»

Com grande pasmo de todos,
As naus não foram a pique
E tornou-se real o sonho
Do



15

Filho de reis, que só tinha
Em si bondade e candura,
Quis Deus que a vida lhe fôsse
Senda cheia de amargura.

Depois de lutar em Tânger,
Contra os feros mussulmanos,
Foi feito escravo quem era
Príncipe dos lusitanos.

E sem soitar um queixume,
Nas mãos dos tôrvoz infieis,
Sofreu as mais duras penas,
Os insultos mais cruéis,

Nunca um único lamento
Na sua boca se ouviu,
E sempre aos seus companheiros,
Consolador, acudiu.

Cavou terra, andou varrendo,
Até morrer miserando,
Mas sempre bom! Foi um santo
O príncipe



14

La veem velas branquinhas,
La vem a náu a vogar!
La veem os lusitanos
Que andam, sem medo, no mar!

Marinheiros tão ousados
Que trazeis, para contar?
Trazemos só maravilhas
Que hão-de fazer-vos pasmar.

Vimos terras nunca vistas
E conseguimos dobrar
O mau Cabo das Tormentas
Que nos queria tragar.

Caiai-vos! — gritou el-rei
Ouvindo-os, assim, falar, —
Não há-de ser das Tormentas,
Da Esp'rança se há-de chamar.

E sôbre a náu, sorridente,
Todo cheio de alegrias,
Estava o chefe da frota
Que era

malho e Julio Diniz. Poesias maravilhosas foram-nos legadas, por um génio — Camões! — e depois por Antero do Quental, João de Deus e Guerra Junqueiro. Páginas de arte, as de Bordalo Pinheiro.

A nossa Grei foi abnegada. Morre-se pelo próximo, como D. Pedro V e Câmara Pestana.

Sob o sol ardente dos trópicos, Serpa Pinto, Capelo e Ivens colhem, na Africa, subsidios de valia para as ciências. Mousinho, a espada mais heroica dessa época, desbarata o poderio forte do negro revoltado.

Mas não bastava a Portugal a conquista de terras e mares. Olhou para o céu e, com o talento de Bartolomeu de Gusmão, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, Plácido de Abreu e Humberto da Cruz, lançam-se à conquista dos ares, para estar mais próximo de Deus.

Na Grande Guerra, os portugueses foram heróis. Oscar Torres morreu em combate aéreo, merecendo as honras dos

próprios inimigos. Carvalho Araujo afunda-se com o seu navio, para salvar os seus semelhantes.

A sombra da nossa bandeira e ouvindo as estrofes benditas do Hino Nacional, concebido por Alfredo Keil e Lopes de Mendonça, os portugueses de hoje, ao memorarem o passado, devem procurar, pela vida adiante, imitar o exemplo dos Grandes de Portugal.

O meu amiguinho Paulo que me ouvira, em silêncio, respondeu, entusiasmado:

— «A nossa História é, talvez, a mais linda do Mundo...»

— «Decerto. E, para mais, coleciona os desenhos e versos que veem no «Pim-Pam-Pum» e concorre. Se não alcançares prémio, ficarás, pelo menos, com um album interessante e instrutivo. E, lendo-o muitas vezes, poderás, também, — quem sabe? — vir a ser um grande da nossa terra.

O SONHO do CHIQUINHO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O Chiquinho fizera anos nesse dia. Para o festejarem, houve festa rija em casa e teve tantos presentes que o pequeno estava mesmo atordoado com aquela balbúrdia e com as lindas cousas que recebera.

Mas o que mais o encantou, foi a grande caixa de soldados de chumbo que o avô lhe dera.

Antes de se deitar, combinara para o dia seguinte um combate contra as tropas do primo Joaquim que também era dono dum regimento, vindo da mesma loja.

Foi com um gesto ameaçador, de general em chefe, que o Chiquinho se despediu do primo.

Cansado das fadigas dum dia tão movimentado, mal pôs a cabecinha na almofada, caiu logo num sono profundo, que o fez ir parar ao país dos sonhos.

Viu-se sentado, cheio de susto com o ruído que a porta do quarto fizera, ao abrir-se.

Eram os soldadinhos que ele deixara alinhados em cima da mesa de sala, a entrarem por ali dentro, em ordem de marcha.

O Chiquinho, cheio de espanto, deu um berro, mas isto nada atrapalhou a tropa que, impassível, continuou a marchar com o general à frente, de espada erguida e grande chapéu de penacho.

E — coisa nunca vista, que fez com que o Chiquinho abrisse uma grande boca de espanto! — aquêle general tinha a sua cara, as suas bochechas luzidas, os seus olhos azuis e os cabelos loiros, tal qual como os seus!

Mas as surpresas não acabaram!

Mal este regimento parou, um outro começou a desfilar.

Era o da caixa do primo Joaquim!

Conhecia-o bem pelos uniformes.

Além disso, o general, que vinha a comandar, tinha a cara trigueirinha, os olhos pestanudos e o nariz arrebitado do primo!

O Chiquinho estava dasmadô.



Cheio de curiosidade, não despregava os olhos das manobras dos dois regimentos.

Quando o do primo Joaquim passou em frente do seu, uma voz gritou: — «Alto!» — Os soldadinhos pararam e alinharam-se como os outros.

Em pé, sôbre a cama, o Chiquinho ia seguindo tudo isto. — «Tá-tá-rá-tá-tá-tá-tá-tá-tá!» — tocava uma cornêta. Então, todos os soldados tornaram a desfilar pelo tapete fora.

— «Um, dois, um, dois...» —

Sem hesitar, os do seu regimento, muito firmes, passaram para o lado contrário. Depois, uma voz comandou: — «Descansar armas!» —

Os dois regimentos ficaram, então, à vontade.

Os generais conferenciaram com os oficiais.

Nos ouvidos do Chiquinho, chegaram palavras soltas: Emboscada... vitória certa... manobra difícil...»

O general Chiquinho consultava um mapa, com um ar concentrado.

Daí a bocado, uma ordem estranha soou:

— «Arriba! Arriba!» —

Nem que estivessem a bordo dum navio!

Mas os soldadinhos da caixa que o avô lhe dera, perceberam-na, perfeitamente.

Agarraram-se às franjas do divan e, em menos de dois segundos, estavam lá em cima.

No assento do divan, armaram um acampamento com barraquinhas, sentinelas...

E os soldados começaram a tratar do rancho.

Os do outro regimento, marcharam em direcção à mesa do centro.

Quando pararam, o general Joaquim falou á tropa, gesticulando muito.

O Chiquinho ainda ouviu:

— «Bonbons de chocolate... drops... rebuçados...» a que os soldados respondiam, nuns gritos de entusiasmo:

— «Uipp! Uipp! Urrah! Urrah!» —





*Todos vós e cada um,
Considero meus sobrinhos,
Leitores do «Pim-Pam-Pum»;
Grandes ou pequerruchinhos,*



*Não omitindo nenhum,
Que prometam respeitar
Sem esquecer nem um só,
Os concelhos que vai dar
A bondosa Tia.*

ALÓ

A NOZ

Duas crianças, o encanto
De seus vèlhinhos avós,
Em corrida pelo campo,
Descobriram uma noz.

Assim que a noz uma vê,
Outra a apanha pressurosa,
Alegre como uma abelha
Ao pisar sôbre uma rosa.

Discussão se estab'leceu
Sôbre a posse dêsse achado,
Que os dois pretendem ser seu,
Sôbre motivo fundado.

Um diz que a noz lhe pertence
Porque a viu sôbre o terreiro,
Outro diz, ser-lhe devida
Pois apanhou-a primeiro.

De respeito são credôres
Os motivos invocados,
Porém os dois contendôres
Tornam-se mais exaltados.

E tão acêrba se torna
Essa disputa em questão,
Que os dois garotos, em breve,
Brigando, rolam no chão.



Surge, entretanto, um terceiro
Já mais maduro nos anos,
Mais sisudo, mais matreiro,
Mais afeito a desenganos,

(Continua na página 6)



Então, o próprio Chiquinho percebeu do que se tratava. Os atrevidos planearam, nada mais, nada menos que um assalto aos doces que a mãe deixara sôbre a mesa! Mas, felizmente, o seu regimento estava de atalalaia. Compreendendo a traição, logo os soldadinhos se espalharam pelas franjas e almofadas do divan. Apontaram as espingardas: — «Tan! Tan! Tan!» — Os tiros choviam por todos os lados! Num instante, puseram o inimigo em debandada.

Muitos soldados fugiam espavoridos; outros faziam «Tlin Tlin! Tlin!» ao cair mortos no chão, sem cabeça, sem pernas nem braços.

Um desastre tremendo!

O general, com uma cara furiosa, tal qual o primo Joaquim, quando estava de birra, ainda conseguiu juntar uns tantos soldados e, na idéa de se vingar, combinou um ataque traiçoeiro.

Meteu-se, com a sua tropa, para baixo do divan, onde os outros haviam acampado.

Este plano fazia com que o regimento inimigo ficasse inutilizado.

Foi então que o general Chiquinho teve uma inspiração repentina: fazer com que os seus soldados fôsem tomar posições em cima do fogão que tinha ficado acêso, para aquecer o quarto.

Dali, poderiam, talvez, atirar para o esconderijo onde se ocultavam os outros.

Intrépidos, valentes, começaram a saltar para o fogão mas logo, com a testa cheia de camarinhas, o general tirou o chapéu de penacho, autorizando os soldados a fazer o mesmo.

Resoluto, quiz avançar para a beirinha do fogão...

Mas qual! Sentiu nas pernas, uma fraqueza estranha e, como paralizado, ficou prêso àquele fogo que o ia derretendo.

Chamou pelo capitão, mas êle não se mexeu; chamou pelo tenente, pelos soldados...

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA

MINHAS QUERIDAS:

Chegámos ao lindo tempo da Páscoa! Com êle veem as férias e todos os seus atractivos: — O suave encanto das festas da semana santa, depois a Páscoa e as diversões!

E os presentes?

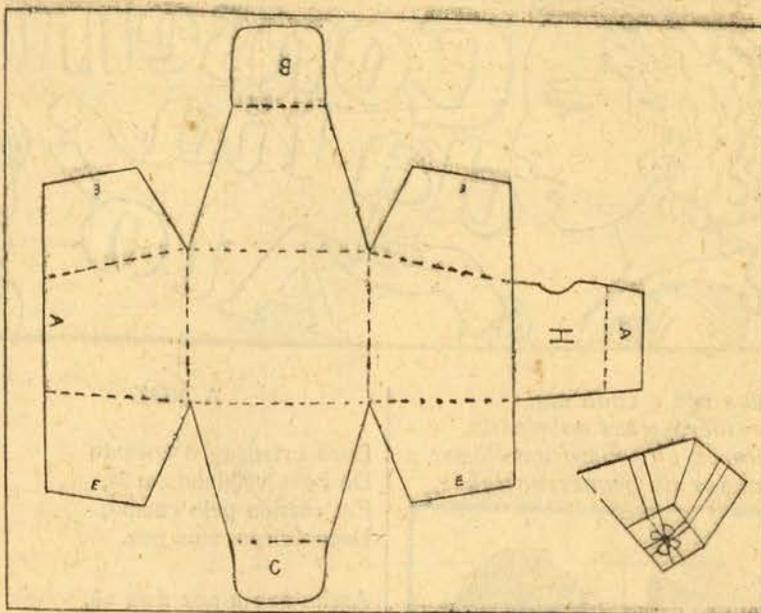
Bela perspectiva em face da atraente exhibição de amêndoas que há por essa Lisboa fora!

A juntar aos modelos de caixinhas que o ano passado vos dei, vai agora mais esta que podereis fazer com pouca despêsa, mas que representará uma embalagem elegante e engraçada.

Arranjam uma folha de cartolina de côr e, sôbre ella, applicam este desenho que deverá ser ampliado, segundo o vosso desejo.

Recortam e dobram pelas linhas que estão ponteadas.

Colam o lado A com a figura A. Depois dobram para dentro os lados E e, finalmente, encaixando os lados



B e C dentro do topo H, têm, assim, pronta a vossa caixinha!

E agora é enchê-la de amêndoas apetitosas!

Uma fita bonita completará o con-

junto e verão que belo fica o presente!

E a tôdas vos deseja muito boas festas a vossa amiguinha

ABELHA MESTRA

CONSELHOS da TIA ALÓ A DIVINHA

(Conclusão da página 5)

Que, com astúcia e com jeito,
Por momento os põe de acôrdo,
Enquanto julga êste pleito
Em que os dois querem o todo.

A noz toma e, com cuidado,
A abre pelo seu meio;
E dando, a cada, metade,
Para si guarda o recheio.

Ao entregar-lhas, porém,
Como juiz da questão,
Logo lhes faz ver, também,
Desta sentença a razão.

E diz-lhe solenemente,
Como é próprio em casos tais,
O que se faz vulgarmente
Nas salas dos tribunais.

— «Eu a sentença vou dar,
Prestai por isso atenção,
Não vale rir nem falar,
Fique em lembrança a lição.

Porque a viste na herdade,
A ti, amigo Romeu,
Pertence-te esta metade. . . »
E meia casca lhe deu.

«Est'outra, Julio, te cabe,
porque a apanhaste primeiro.»
E, dando a outra metade,
Acrescenta prazenteiro:

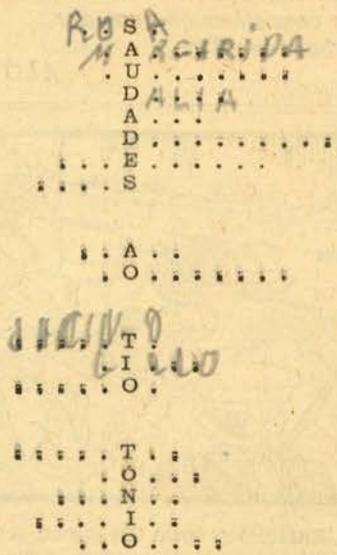
«O miolo, amigos meus,
Eis a minha recompensa
Da justiça, é o melhor
Por ter lavrado a sentença.»

Reparai neste conceito,
Evitai sempre questões,
Dai o lugar ao direito,
Deixai-vos de ser brigões.

TIA ALÓ

Por João Augusto de Oliveira

Formar 18 nomes de flores substituindo os pontos por letras.



Todos êles estavam sofrendo o mesmo tormento.
Ao cair do fôgão, o regimento desfazia-se e, daí a pouco, o que restava dele era uma pocinha de chumbo derretido.
Ao ver o fim inesperado daquele grande combate, o Chiquinho deixou de ser o general do regimento e viu-se, em carne e ôsso, a chorar como um possesso, em frente dos desaparecidos soldadinhos.

Este choro fê-lo acordar e, como a luz da madrugada já iluminasse o quarto, o Chiquinho, ainda duvidoso, correu para a sala.
Lá estava todo o regimento, alinhado sôbre a mêsã, com o general à frente, muito flamante e marcial.
Então, já descansado, o Chiquinho voltou outra vez para a cama e dormiu até de manhã, muito sossegado e feliz.

Hora de recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, ENGENHOCAS, JOGOS, ETC.

CHARADAS—N.º 3

PALAVRAS CRUZADAS

NOVISSIMAS

1) Basta! Levas com a tira de coiro do sapato se não fores já para a «cidade»!... — 1-2

Tavira Joetra

2) É com a luz do Sol que preparo a armadilha de caça para apanhar o diabo. — 2-1

Lilicas

SINCOPADAS

3) A «ave» sempre conquista alguns milhos. — 3-2

Fuguigas

4) Comecei num grande pranto ao picar-me na planta-espinhosa. — 3-2

Car Assita (C. C. C.)

5) O acompanhamento solene está prestes a sair. — 3-2

John Biff (C. C. C.)

6) Esta menina tem uma linda pluma. — 3-2

Lucas

ENIGMAS TIPOGRAFICOS

7) Ave

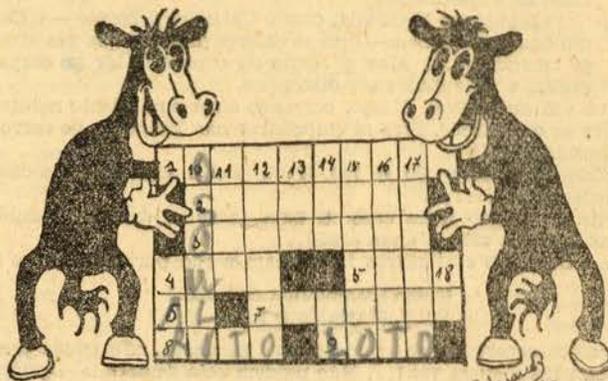
6 letras

Fanforrinha

8) G R A

8 letras

Fernando R. Cunha



Horizontais: 1 — Ave; 2 — Abundância de saliva; 3 — Agasalho; 4 — Brilha; 5 — Canção; 6 — Outra coisa; 7 — Estrado; 8 — Esfarrapado; 9 — Jogo.

Verticais: 10 — Beijo; 11 — Calcáreo; 12 — Costume; 13 — Pronome; 14 — Gracejar; 15 — Bofetada; 16 — Que não é moral; 17 — Orvalhado; 18 — Contração.

ADIVINHAR O DOMINO PENSADO



$$5 \times 2 = 10$$

$$10 + 6 = 16$$

$$16 \times 5 = 80$$

$$80 + 3 = 83$$

$$83 - (6 \times 5) = 53$$

Res.: 5/3

Diante dum jogo de dominós, com ambas as partes bem visíveis, proponde a um vosso amiguinho pensar num deles e dizei-lhe, que o ides adivinhar.

Escolhido o dominó, dizei para dobrar o número de pintas negras de qualquer das suas duas partes. Fazei-lhe juntar um número qualquer e multiplicar o resultado por 5. Dizei-lhe, ainda, que junte o número de pintas da outra parte e pedi o resultado obtido. Multiplicando por 5 o número por vós dado ao acaso, só resta subtrair a quantidade resultante, ao resultado dado por aquele que pensou no dominó. Os algarismos que constituem este novo resultado exprimem as suas duas partes. Senão vejamos um exemplo:

O dominó pensado é o 5/3. O dôbro da primeira parte dá 10; juntando-lhe um número qualquer (6, por exemplo) dá 16; multiplicado por 5 dá 80; adi-

cionando-lhe a segunda parte dá 83. Subtraindo a este número 6x5, ou sejam 30, o resultado é 53. 5 e 3 são os algarismos correspondentes aos pontos do dominó.

CORRESPONDÊNCIA

Zé — Sim, senhor! Sou eu mesmo, em carne e osso... Vamos agora ao que interessa:

1.º — Qualquer dicionário serve, desde que os trabalhos enviados não sejam de difícil interpretação.

2.º — Todas as espécies são admitidas, dado o caracter infantil de «Hora de Recreio».

3.º — Os trabalhos enviados devem vir cada em seu papel.

Não há votação.

Maria José Ribeiro — Nada tenho com os assuntos em que me faia. Dois dos senhores que cita há muito que já cá não colaboram. Agradecidos pelo aplauso a esta secção.

Luciano Malheiro — Não pede, visto que iremos publicando as decifrações e lista dos decifreadores à medida que vai terminando o prazo, para a entrega daquelas, dos numeros publicados.

Adriano Reis — Agradecidos pelos votos feitos.

NOTA: — Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a: *Américo Taborda* — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 59 — LISBOA.

CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL

Tendo terminado, no passado dia 20 do corrente, o prazo para a entrega das cadernetas deste concurso, reunirá o júri brevemente, a fim de proceder à sua devida classificação e sorteio dos demais prémios.

A MARIA DO Ó

Por LEONOR DE CAMPOS

ERA má como as cobras, a Maria do Ó. Logo de manhãzinha, desatava a fazer maldades, e só, à noite, depois de se deitar, sossegava. Porque o sono e o cansaço eram tais que, apenas encostava a cabeça à almofada, logo adormecia.

Os rapazes lá da vila, com o Casimiro à frente — o Casimiro era um que fazia versos — bem se esforçavam por que ela tivesse juízo e se emendasse... Mas a Maria do Ó parecia ter no corpo mil novecentos e noventa e nove diabinhos.

Passava um automóvel. E logo, correndo como um cabrito montez, a Maria do Ó tratava de o alcançar, para se empoleirar nas trazeiras do carro. O senhor Prior ralhava se tal via:

— «Maria do Ó, isso não se faz. É um perigo. Qualquer dia dás um trambulhão e podes morrer...»

A Maria do Ó não fazia caso. E uma tarde... deu um trambulhão. Não morreu mas partiu a cabeça e um braço...

Então, o Casimiro e os outros foram para a sua porta e em côro cantaram:

Quem trambulhou do popó?
Foi a Maria do Ó!...

Ela ficou desesperada. Mas como estava na cama, não pde castigá-los...

— «Fica para a outra vez!... Não perdem pela demora!» — gritou.

Os rapazes afastaram-se a rir sem lhe ligarem importância.

No dia seguinte, por indiscreção duma irmã da Maria do Ó, o Casimiro soube que ela atirara uma tijela de caldo à cabeça do seu cãozinho Totó.

— «Mas que lhe fez o Totó?» — indagou o Casimiro.

— «Nada!... Ela é que estava desesperada porque a mãe a queria obrigar a tomar o caldo. E como não podia bater na mãe, vingou-se no cãozinho...»

Daí a pouco, à porta da Maria do Ó, uma dúzia de rapazes cantava:

Quem maguou o Totó?
Foi a Maria do Ó...

— «Eu ainda mato um!» — berrou, lá da cama, a rapariga.

Alguns dias passaram. A Maria do Ó melhorou. E logo que o médico lhe deu licença para sair, agarrou num varapau que tinha em casa e foi esperar o Casimiro à porta da escola.

O rapazinho, acompanhado pelo António, filho do sacristão — o Tó Sacrista, como lhe chamavam — saía descuidadamente da escola. De súbito surge-lhe, pela frente, a cara feia e suja da Maria do Ó, de varapau em riste para lhe bater. Mas no momento em que o varapau ia cair, com toda a força, na cabeça do Casimiro, o Tó Sacrista meteu-se à frente, na intenção de proteger o amigo. E foi este que apanhou a pancada. Logo ali ficou estendido sem dar acôrdo de si.

Acudiram outros rapazes, veio o senhor professor, veio o cabo da policia, que morava defronte... e a Maria do Ó não conseguiu fugir como tencionava.

O cabo da policia prendeu-a e levou-a para a cadeia.

O Tó esteve alguns dias em perigo de vida.

E, entretanto, a Maria do Ó arrependia-se, chorava e soluçava dentro duma enxovia.

O Tó melhorou. E, certa manhã, o côro dos rapazes fez se ouvir, no Largo da Cadeia, a cantar:

Quem bateu no pobre Tó?
Quem está no xelindró?
É a Maria do Ó!...
É a Maria do Ó!...

Então, a Maria do Ó chegou às grades da prisão e, a chorar, suplicava ao Casimiro:

— «Casimiro: Vai dizer ao Tó que lhe peço perdão!... Vai, sim? Eu já não sou má!... Já não quero tornar a ser má!... Perdõem-me todos!... Perdão!... Perdão!...»

E a Maria do Ó, realmente, não voltou a ser má...



fim